

REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A ALTERIDADE A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE BYUNG-CHUL HAN: UMA CRÍTICA CULTURAL POSSÍVEL

REFLECTIONS ON CONTEMPORARY SOCIETY AND ALTERITY FROM BYUNG-CHUL HAN'S CONTRIBUTIONS: A POSSIBLE CULTURAL CRITICISM

Guiossephe Sandri Marques¹

RESUMO

Por meio das contribuições do filósofo Byung-Chul Han (2017a; 2017b; 2017c), este artigo discute teoricamente características gerais sobre a sociedade contemporânea e sobre a alteridade, em específico. As mudanças atuais no mundo do trabalho exigem dos indivíduos performances e modos de agir (vida ativa dos tempos atuais) que maximizam ainda mais a exploração, fazendo com que a exploração seja um imperativo empreendido pelo próprio explorado, com vistas a se somar à exploração exterior, oriunda do trabalho assalariado. Percebe-se que na sociedade do desempenho criticada por Han há mudanças significativas na vida cultural também, por exemplo, as formas com as quais interagimos nas plataformas digitais, geralmente com excesso de positividade e transparência – “ética da transparência”. Em relação à alteridade, conclui-se que nessa sociedade em questão, a dialética do eu-outro é substituída em parte pelo “imperativo do sim”, que se caracteriza por uma positividade irrestrita, contra qualquer forma de conflito. Por fim, a vida ativa, a ética da transparência e o imperativo do sim expressam, em grande parte, o que somos atualmente – a ontologia do nosso presente.

Palavras-chave: Sociedade do desempenho; Alteridade; Imperativo do sim; Crítica cultural.

ABSTRACT

Through the contributions of the philosopher Byung-Chul Han(2017a; 2017b; 2017c), this article theoretically discusses general characteristics about contemporary society and on otherness, specifically. Current changes in the world of work require of individuals performances and ways of acting (active life of present times) which increase exploitation even further, making exploitation an imperative undertaken by the exploited. It is perceived that in the performance society criticized by Han, there are significant changes in cultural life as well, for example, the ways in which we interact on digital platforms, often with an excess of positivity and transparency – “ethics of transparency” or “transparency society”. About alterity, it is concluded that in that society in question (performance society) the dialectic between I and Thou is replaced in part by “imperative of positivation”. This imperative is against any form of conflict. Finally, active life,

¹ Formado em História pela UFPR e doutorando em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. Atua como professor na Rede Estadual de Ensino - Paraná. E-mail: guiossephe@hotmail.com

transparency and the imperative of positivation express, in general, what we are today – the ontology of our presente.

Keywords: Performance society; Otherness; Imperative of positivation; cultural criticism.

INTRODUÇÃO

Pensarmos sobre a contemporaneidade a partir das contribuições do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han ajuda-nos a problematizar o enfraquecimento do outro (outro-pessoa, outro-norma, outro-instituição, outro-autoridade) frente à “sociedade do desempenho” e sua positivação, como também sobre algumas discussões que tratam do que é a alteridade circulante e dominante no dia a dia, principalmente nas plataformas digitais.

Cada vez mais presenciamos o aumento de uma alteridade peculiar, talvez um pouco estranha, chamada por nós de “imperativo do sim”. Tamanha alteridade tem raízes mais profundas, histórica e sociologicamente falando. No entanto, não nos é possível fazer uma gênese do imperativo do sim² por motivos de limitação, segundo o formato textual aqui escolhido. Não vamos estabelecer também comparações e aproximações com a noção espiritual e mística do “pensamento positivo”³, que defende o lado bom das coisas, sempre com foco, motivação e força de vontade. Apesar de ser na prática uma autoajuda, com bases no *marketing* e na publicidade, a ideologia do pensamento positivo, ainda que por caminhos místicos e individualistas, admite a importância da negatividade, não se deixando abalar por ela. Todavia, quando os resultados (geralmente financeiros) desse pensamento positivo não são atingidos, o que se tem é muito mais o fracasso e a depressão do que a agressividade.

Face ao exposto, uma reflexão geral sobre a contemporaneidade nos permite compreender melhor certos modos de agir enraizados nos dias de hoje, passando pelo

²No plano filosófico, Marcuse abordou à sua época, década de 1960, *A vitória pensamento positivo: Filosofia Unidimensional*. Para o filósofo alemão, o pensamento positivo (que não tem proximidade com o pensamento positivo da autoajuda) nas filosofias e nas ciências abandona e rechaça qualquer forma de negatividade (no sentido hegeliano), reduzindo-a a especulações metafísicas. Segundo Marcuse, até mesmo a classe social antagonista ao capitalismo entrara no cárcere da unidimensionalidade, perdendo com isso grande parte de seu potencial revolucionário, de negatividade ao capitalismo. Do tempo de Marcuse até os dias atuais, podemos dizer que a derrota da negatividade é bem maior, manifestando-se em diversas esferas de nossa vida social, sendo sua expressão máxima, a nosso ver, a “sociedade positivada” de que trata Han. MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

³O pensamento positivo é abordado também pelo estilo musical Reggae. Neste, o pensamento positivo segue uma orientação mística e religiosa, apelando para as “energias positivas”, para um contato mais harmonioso e íntegro com a natureza e com o tu, para uma visão poética do mundo. Bob Marley, em algumas de suas músicas, segue esta vertente de pensamento positivo.

“imperativo do sim” (principalmente nas plataformas digitais, com excesso de exposições) e pelo “empreendedorismo”, até chegarmos à “vida ativa dos tempos atuais”, que é caracterizada por *multitarefaismos* e performances diversas. Empreendedorismo e vida ativa, com suas respectivas performances quase que sem fim, chegam ao ponto de fazer uma redução da vida – no sentido mais geral – ao mundo do trabalho, ou à vida no e pelo trabalho, reforçando ainda mais a ideologia do empreendedor de si mesmo, capaz de ultrapassar as dificuldades atuais do mundo do trabalho por conta própria, empreendendo. Tanta redução contribui para que a exploração do trabalho atinja níveis tão ideológicos e absurdos, em que a exploração clássica entre patrão e empregado, segundo essa redução ideológica, é ainda mais eficaz quando o sujeito adota a *auto exploração*, por exemplo, o sujeito da auto exploração desenvolve um conjunto de performances (academia e prática de esportes, alimentação saudável, terapias, cursos de capacitação diversos etc.) e de discursos que servem também para uma maior e melhor exploração da sua força de trabalho. De algum modo, essas performances vão incidir sobre a produtividade do sujeito de desempenho ou de *performance*, seja como patrão de si mesmo, seja como empregado de outrem.

Em relação ao imperativo do sim, a crítica se faz necessária, ainda que por caminhos em construção, porque tamanho imperativo vem se manifestando com maior força e agressividade em diversas esferas do agir cotidiano, parecendo-nos uma condição contemporânea do individualismo consumista e celebrativo de si mesmo. O indivíduo “unidimensional”, do imperativo do sim, dificilmente tem ouvidos, pouco escuta, não espera; ele apenas reage imediatamente – portanto sem reflexão – aos “não” que lhe são endereçados⁴. O maior exemplo dessa reação individualista e imediata do imperativo do sim contra as negatividades são os comentários agressivos de Facebook, conhecidos também como discursos de ódio. Aliás, os discursos de ódio (*hate speech*) estão ligados também ao fenômeno quase que global das “fake news”, pois quando estas são questionadas e criticadas, muitas pessoas que as veiculam costumam acreditar que as *fake news* são de fato *fake news*, aí a reação dessas pessoas tende para os

⁴O “não” filosófico da negatividade não se confunde com os diversos “não” popular e corriqueiro, característicos da dinâmica cultural e histórica de qualquer língua. A expressão “exército do não”, bastante utilizada por comentaristas gerais na *internet*, em programas de rádio e televisão etc. diz respeito ao seu oposto, isto é, ao “sim”, à positividade. O sujeito do exército do não, sempre disposto a dizer um “não”, só o faz assim porque tem em mente a positividade, e quando esta lhe parece distante ou pouco provável em uma conversa, ele aciona o mecanismo do “não” como defesa contra quem lhe tirou do conforto do “sim”, da positividade. Em sala de aula, conforme nossa experiência docente, isso é bem comum quando o aluno percebe que os argumentos do professor tendem – no decorrer da aula ou conversa – a questionar suas opiniões, verdades, crenças. Aí, neste caso, surge uma barreira entre o aluno que vê sua positividade ameaçada e o professor, que não necessariamente vai confrontar o aluno. Tanta antipatia geralmente proporciona o “exército do não” como conduta argumentativa padrão.

discursos de ódio. É fato que há os que veiculam *fake news* unicamente por interesses próprios, ideologicamente explícitos.

1 ANÁLITICA DO PRESENTE: BYUNG-CHUL HAN E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Apesar de ser bastante radical, o painel apresentado por Han condiz, em grande medida, com o que somos hoje. Han captou características fundamentais da sociedade contemporânea localizadas nas esferas do consumismo, do trabalho e da cultura em geral.

O filósofo sul-coreano (HAN, 2017a; 2017a) defende que passamos, em parte, da sociedade disciplinar foucaultiana para a “sociedade do desempenho”:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, *shopping centers* e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitavam os espaços entre o normal e o anormal, se tornaram arcaicos (HAN, 2017a, p. 23).

Nessa sociedade, propiciada principalmente pelo aumento do neoliberalismo, a exploração perfeita não é mais a exploração exterior ao sujeito, e sim aquela que é interior ao sujeito; não se trata mais de capturar a mente e o corpo dos sujeitos por meio das *disciplinarizações*, mas sim de exigir deles desempenhos e/ou performances que elevem a exploração ao plano da exploração de si mesmo – somos escravos de nós mesmos e, portanto, tornamo-nos inimigos de nós mesmos, afirma Han⁵. A *auto exploração* atual é também uma auto realização, uma construção da identidade social e individual no e pelo trabalho, aliando

⁵Han não diz que o trabalho assalariado inexistente, não diz que a mais-valia cessou, não diz que acabou o padrão propriamente dito, não diz que os contratos de trabalho não existem mais. Han não parte dessas questões advindas da economia e da sociologia do trabalho. O que está em questão é que para o neoliberalismo avançar o capitalismo selvagem, ele precisa também que deixemos de ser a vítima do explorador externo, para nos tornarmos agentes ativos da *auto exploração*, isto é, da exploração de nós mesmos que atende a uma maior produtividade. É fato que há ainda hierarquias da sociedade que viabilizam a exploração. A grande desgraça da sociedade atual é que o *multitarefismo* e a “vida ativa” (academia, dança, cursos, esporte, reciclagens, viagens, *happy hour* etc.) reforçam o imperativo do desempenho, das performances. Muitas pessoas aceitam altas cargas de trabalho porque a própria vida é assim também quando estão fora do trabalho.

muitas das vezes criatividade, autoridade e eficiência no que se faz, por exemplo, as diversas iniciativas de empreendedorismo.

Todavia, o trabalho característico da *auto exploração* ainda é, em grande medida, o trabalho alienado. Já em relação ao sujeito, reduzido a “sujeito de desempenho”, ele vira no geral o patrão e o empregado de si mesmo, sendo-lhe exigido um conjunto de desempenhos nos campos laboral, intelectual, cultural, corporal e emotivo – o emotivo é no sentido de saber lidar e controlar as frustrações, ou seja, agir racionalmente, mesmo frente a situações que não cabem exclusivamente o uso da razão. Assim, as ideologias do empreendedorismo e da livre iniciativa, do corpo saudável, do atualizar-se/reciclar-ser vêm no bojo da “sociedade do desempenho”, que é ligada ao neoliberalismo no sentido mais amplo, segundo Han.

Nesta sociedade criticada por Han, a exploração de si mesmo não se dá apenas em termos econômicos. É a exploração de si mesmo em todas as esferas que se ligam – direta e indiretamente – ao mundo do trabalho: multitarefas, estar sempre à disposição, ser saudável, consumir culturas, estimular a criatividade, praticar esportes, discursar sobre sua própria sexualidade, enfim, ter uma vida ativa que contribuirá para o aumento de produtividade no mundo trabalho. A saúde, a boa alimentação e o bem-estar, no quadro da vida ativa dos tempos atuais, servem para melhorar o foco do sujeito de desempenho, visto que uma vida sedentária, cheia de vícios e solta não é benéfica para a exploração de si mesmo e para as exigências mercadológicas e psicológicas do neoliberalismo. Em outras palavras e seguindo o imperativo da sociedade do desempenho de que trata Han, alimentação saudável, sexualidade aflorada/discursada, vegetarianismo, consumo cidadão e prática de exercícios físicos são iniciativas incentivadas pelo capitalismo sustentável, pois garantem ainda mais o desempenho elevado e sadio do sujeito apto para o mundo do trabalho atual.

A busca pelo ideal do padrão *fitness* é também um grande exemplo dessa melhora sem fim⁶ do sujeito de *performance*: peito erguido, bunda durinha, corpo todo plastificado e deformado, abdômen definido, *músculos a flor da pele*: eis aí a estética corporal ideal e sadia para quem é o patrão e empregado de si mesmo. Até a velhice foi *ressignificada* pela sociedade

⁶Aqui no Brasil não é bem assim, visto que a sociedade ainda é bastante desigual e excludente. Miséria, analfabetismo, falta de habitação e falta de saneamento básico, por exemplo, são questões quase superadas para os países do centro do capitalismo. No Brasil, dedicar-se ao padrão *fitness* ou seguir outros receituários de uma vida saudável é geralmente uma realidade para setores da classe média para cima ou daqueles que André Gorz chamava (no livro *Metamorfoses do trabalho*) de “hiperativos”. Aos estratos mais baixos da classe trabalhadora restará a condição de serviçais dos hiperativos, ou seja, submeter-se a aplicativos de entregar de lanches (bicicleta, moto ou a pé, tanto faz) aos economicamente hiperativos. O crescimento de aplicativos como Ifood, Rappi e Uber, por exemplo, que fragilizam ao máximo a legislação trabalhista, nos mostra o aumento de serviçais na sociedade presente.

do desempenho: estimulantes sexuais, cirurgias plásticas, visual descolado (excesso de tatuagens e *piercings*, roupas juvenis) e comportamentos extravagantes são exemplos de práticas que descaracterizam uma fase da vida que não necessariamente tem por objetivo o desempenho disso ou daquilo.

É como se quase não existisse mais a velhice para o descanso, para o lazer, para a reflexão, para a contemplação, para o ócio. Atualmente, a velhice, no geral, virou uma busca desenfreada pelo novo, pelo belo reduzido à juventude, pela paranoia do atualizar-se, pela ânsia do “curtir”. Em síntese, a velhice, segundo a visão de mundo da sociedade descrita por Han, é desempenho, é ter vida sexual cheia de orgasmos, é trabalho, é estar *atenado* de tudo e exibindo-se principalmente nas redes digitais. Não raro, vemos mães, geralmente senhoras, já na casa dos cinquenta anos ou mais, competindo com as filhas no sentido de terem vestimentas/visuais e comportamentos mais extravagantes e juvenis que uma adolescente de dezessete anos. Por meio desse e outros comportamentos afins podemos perceber que o corpo do sujeito de desempenho (criança, adolescente, adulto, idoso) não é dócil, ao contrário, seu corpo é relativamente ativo (ainda que manipulável), constantemente aberto para o imperativo das novas experiências. O fator etário que cobrava comportamentos e atitudes conforme a idade atingida vem sendo diluído constantemente, viabilizando cada vez mais o comportamento juvenil como padrão dominante para a vida adulta – a ludicidade do trabalho expressa isso.

Em uma sociedade como esta, que nos exige performances constantes e variadas ao mesmo tempo em que as transforma também em identidades sociais positivas e valorosas, ligando-se assim também à ética do trabalho, oriunda da sociedade do trabalho, não é de nos espantarmos que no geral estejamos fazendo e sendo diversas coisas ao mesmo tempo: *i-*) sou professor e devo publicar ou ensinar qualquer coisa sem reflexão; *ii-*) brinco com meus filhos enquanto corrijo provas de meus alunos; *iii-*) sou conselheiro de qualquer coisa; *iv-*) respondo a *emails* de madrugada, enquanto tento dormir; *v-*) devo olhar o celular constantemente, já que ele é quem me organiza; *vi-*) devo estar preparado para o *happy hour*; *vii-*) devo contar as aventuras de meu dia a alguém; *viii-*) devo participar dos grupos de amigos/parentes virtuais (Whatsapp); *ix-*) devo estar atualizado com o que acontece no mundo. O excesso de atividades e informações ligadas ao trabalho dorme e acorda conosco; não porque a vida ativa atual inventou as diversas atividades/tarefas com as quais lidamos diariamente, e sim porque ela soube direcionar ainda mais essas mesmas atividades/tarefas para a maximização do trabalho, que conta também com a defesa demasiada do empreendedorismo.

Uma sociedade assim, que exige a vida ativa de todos, tanto no trabalho como fora do trabalho, fazendo com que mal saibamos distinguir onde começa e onde termina o trabalho, não poder ser, para Han, uma sociedade apenas do dever:

A sociedade do desempenho está totalmente dominada pelo verbo modal *poder*, em contraposição à sociedade da disciplina, que profere proibições e conjuga o verbo *dever*. A partir de um determinado ponto da produtividade, o dever se choca rapidamente com seus limites. É substituído pelo verbo poder para a elevação da produtividade. O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo para a exploração do que o chicote ou as ordens. (HAN, 2017c, p.21, grifos do autor).

O verbo modal *poder* (faça tudo, porque você pode) mistifica ainda mais a falta de liberdade do sujeito de desempenho: você tem que *poder* explorar a si mesmo no trabalho, no descanso, no entretenimento. Não *poder*⁷ não é uma escolha, pois você tem que *poder*, não interessa o que, mas tem que *poder*! Para que instituições disciplinares do *dever* se cada um virou a instituição disciplinar de si mesmo? Para que corpos e mentes dóceis se os corpos e mentes de desempenho são muito mais produtivos e controláveis? A sociedade do desempenho é ainda uma sociedade do trabalho, que por sua vez carrega muito da sociedade disciplinar; porém, seu excesso de desempenho em todas as esferas da vida faz com que trabalho e vida ativa sejam fundidos, isto é, sem fronteiras estabelecidas. Quando estamos definitivamente fora do trabalho, com a cabeça solta, descansando, pensando em nada?

Outra patologia da sociedade do desempenho, Para Han, é a violência do excesso de positividade: devemos ser felizes o tempo todo, devemos estar feliz, sempre longe do fracasso, longe das barreiras da negatividade, principalmente das negatividades advindas da relação eu-outro. O estar feliz deve ceder espaço e importância ao verbo imperativo “seja”: seja feliz! Será que a *auto exploração* de si mesmo, já que somos o patrão e o empregado ao mesmo tempo, traz a liberdade prometida pelo neoliberalismo empreendedor ou a felicidade do lazer, do bem-estar?

Deixar de ser (lembremo-nos do verbo imperativo “seja”) feliz é uma ameaça ao fluxo contínuo das performances, dos desempenhos, enfim, é estar fora dessa sociedade – a solidariedade e o acolhimento possíveis para o sujeito infeliz localizam-se no consultório médico ou psicanalítico, é só escolher. A delinquência e a loucura, características da sociedade

⁷O imperativo do verbo *poder* tende a gerar um sentimento de “tudo posso”, de “tudo me é possível”, como se não existissem mais os interditos na sociedade. Nesse caso, o verbo *poder* pode se transformar em *empoderamento*, isto é, o verbo *poder* vira o substantivo “poder”.

disciplinar, não são, segundo Han, uma opção ao sujeito que não se adapta à sociedade de desempenho; o que lhe sobra são a síndrome de *burnout*, a depressão, o suicídio, ou o simples fracasso mesmo. Opte por estas quatro alternativas, seu fracassado, diz a sociedade do desempenho a quem ficou no meio do caminho, aliás, muitos ficam no começo do caminho.

A obrigação de ser o empregado e o patrão de si mesmo, em termos de desempenho exigido pelo mundo do trabalho, leva a um esgotamento que não é apenas o esgotamento das tarefas desenvolvidas: é o esgotamento de si mesmo para consigo mesmo que atinge o sujeito atual; é aí que as patologias contemporâneas (depressão e *burnout*, por exemplo) ganham vida. Fracasso e depressão são as sombras diárias do sujeito de desempenho. A felicidade forçada do imperativo da felicidade, estampada nos rostos sorridentes, tende a virar um fardo para tal sujeito, porque a menor ausência dessa felicidade é sinal de que as sombras diárias estão baixando nele. Ninguém se importa com suas sombras e fracassos, o problema é seu, diz o sujeito “feliz”, positivado, que é contra as barreiras da negatividade. O sujeito de desempenho que fracassa é o único responsável por seu fracasso! Um usuário do Facebook, que tenha uns quinhentos “amigos” adicionados, não vai se importar com o sumiço de um “amigo” ou três, ou quatro, tanto faz. Quem não suporta a sociedade do desempenho não é retirado dela, ao contrário, retira-se dela por conta própria, através da depressão, do isolamento próprio, do suicídio. Aí estão algumas alternativas condicionadas para a livre escolha do indivíduo contemporâneo.

Para se garantir o fluxo contínuo dessa sociedade do desempenho, que não admite barreiras, nada melhor que diminuir as negatividades que atingem os sujeitos, principalmente as negatividades da repressão e proibição, assim como as negatividades de âmbito intersubjetivo, próprias das relações sociais, da contradição eu-outro. O viver com mistérios, com segredos, com imaginações a mil quase que não é mais possível. A “ética da transparência” faz com que um seja o supervisor e/ou *voyeur* do outro, sobretudo nas plataformas digitais. A fronteira entre público e privado é no mínimo suspeita para a ética da transparência: o que você faz de tão especial que os outros não podem saber? Está fazendo às escondidas por quê? Conforme as reflexões de Han (2017b), a própria noção de privacidade virou, na sociedade que exige transparência, sinônimo de esconder algo. Tudo deve estar *publicizado* e publicado em algum lugar, para que qualquer pessoa possa consultar e avaliar quando quiser, exceto documentos oficiais que comprometam grandes empresas, pessoas ilustres, magistrados e políticos.

Como assim, você não publica o que pensa e o que faz? Como assim, você não compartilha seus sonhos e metas profissionais com seus amigos, aqui nas redes digitais? Por que você não publicou as fotos da tua gravidez e do teu casamento no Instagram? Está escondendo algo de errado contigo? O Facebook e demais plataformas digitais expressam muito bem esse clima de vigilância e controle de uns sobre os outros. Não à toa que para Han a noção de *panóptico* perdeu seu sentido maior, pois na atualidade são as pessoas que exigem o *panóptico* – o imperativo da exibição, derivado da ética da transparência, comprova isso. Qualquer pessoa que não tenha um perfil público e ativo para seus amigos em alguma plataforma digital é no mínimo suspeita. Não me exibo, logo não existo!

2. A QUESTÃO DO OUTRO A PARTIR DE BYUNG-CHUL HAN: O IMPERATIVO DO SIM

A questão do outro é uma constante no ser social⁸, até mesmo em tempos de individualismo cada vez mais exacerbado e consumista. No entanto, a forma com a qual lidamos e interpretamos a questão do outro muda com o passar do tempo, impondo-nos contradições e impasses de ordem mais existencial e ética do que epistemológicas ou metodológicas. Atualmente, vemos que a questão do outro vem passando por mudanças significativas, gerando apropriações e modos de agir que diminuem consideravelmente a importância que o outro tem para um eu, ou melhor, na relação eu-outro.

Um fenômeno muito peculiar em torno da questão do outro vêm ganhando mais destaque e aceitação em esferas distintas da vida social, a saber, o imperativo do sim⁹. Tamanho imperativo se pauta pelo inchaço do eu, o qual dificilmente concebe e aceita o outro como negatividade, pois isso lhe soa como ameaça. O imperativo do sim como repulsa ao outro, em seu sentido de negatividade, enfraquece ao extremo a relação contraditória do eu-outro, seja o outro como outro-pessoa, outro-norma, outro-instituição, outro-autoridade. O “não” é a palavra proibida do momento.

⁸A questão do outro em Platão e seus diálogos socráticos de confronto; a questão do outro na psicanálise, com suas categorias de “ego”, “superego” e “Id”, que deixam a alteridade refém da estrutura psicanalítica. Na antropologia, o outro pode ter importância e valor cultural, ou pode ser aquele outro pejorativo e estereotipado, que reforça a identidade superior do eu-colonizador, por exemplo, os estudos antropológicos a serviço do neocolonialismo, em fins do século XIX até a primeira metade do século XX.

⁹“Imperativo do sim”, “sociedade positivada” e “positivação da vida” são expressões variadas com as quais nos referimos ao mesmo fato, isto é, o enfraquecimento do eu à medida que o eu sem limites vai inchando cada vez mais.

A reflexão sobre o mantra da língua inglesa *Yes, we can* de que trata Han (2017a) é a que melhor sintetiza o imperativo do sim ou a “positivação da sociedade”. O *Yes, we can* não aceita limites, passa por cima de qualquer barreira, de qualquer negatividade. O imperativo do sim enxerga a sociedade de forma positivada, sem a importância das negatividades ou de qualquer barreira. A alteridade permitida pelo imperativo do sim é muito peculiar, manifestando-se como a apologia do diferente, do “cada um no seu quadrado” e afins. Assim, o imperativo do sim afasta de si os conflitos, aproximando-se do fluxo contínuo oriundo dos dados cibernéticos, dos algoritmos.

Por esta ótica do imperativo do sim, o outro só pode ser admitido na medida em que não oferece perigo ou resistência ao eu. Todavia, o outro fora da negatividade deixa de ser o outro para se tornar o igual e/ou próximo, o complementar, o concordante, o diplomático, o fingido, o postiço. A consequência mais direta disso, e talvez a mais marcante, é a redução drástica da capacidade de refletir sobre si mesmo e sobre a realidade. Mas, assim como imperativo do sim não acaba com o outro, pelo contrário, *ressignifica-o*, o mesmo acontece com a crítica.

Nos moldes do imperativo do sim, é melhor que a crítica nem apareça; mas se por um acaso ela aparecer, é melhor que seja desarmada sofisticadamente, sem conflitos. Assim, a crítica feita a alguém, quando aceita, não é bem no sentido de uma crítica, isto é, como negatividade. Em vez de tomá-la como um posicionamento contrário, o qual viabiliza a capacidade de reflexão sobre si mesmo e o mundo, o indivíduo criticado – e encarcerado no imperativo do sim – reduz a crítica recebida a questões subjetivas, tais como: “compreendo suas razões”, “tudo bem, cada um tem seu ponto de vista”, “o importante é que saibamos aceitar a diferença, as diversas vozes”, “você tem a sua opinião e eu tenho a minha”. Pois bem, temos aí o imperativo do sim como relativismo travestido de “compreensivo”, “plural”, “aberto”, “dialógico”, “polifônico”. Nas bancas de defesa de mestrado e doutorado vemos com frequência essa postura intelectual padrão, que é alimentada pelo imperativo do sim.

Já as plataformas digitais da atualidade (por exemplo, Facebook e Instagram) são lugares privilegiados do imperativo do sim. Um indivíduo em seu perfil do Facebook escreve um comentário qualquer, geralmente por puro tédio, jogado ao vento, sem reflexão alguma; logo em seguida vem um “amigo” seu e dá um “curtir” ou responde ao comentário, também sem reflexão, muitas vezes por mera convenção. Parece um ato tolo, encerrado em si mesmo, mas não o é. A sensação de aceitação pela comunidade virtual sem rosto e sem reflexão confirma-se ao indivíduo do imperativo do sim com as “curtidas” e comentários banais que recebe, fazendo o mesmo com outros também. Tudo fica belo e maravilhoso, todos podem ter

e expressar as opiniões e discursos que quiserem, afinal de contas, a negatividade foi criminalizada.

A sociedade positivada não para de crescer, até mesmo entre aquelas pessoas mais idosas, que foram criadas aos moldes da “negatividade do dever” – instituições disciplinares teorizadas por Foucault – e da negatividade da proibição: a lei, a norma, a moral etc. A provocação, que pertence à negatividade, é também mal vista pelo imperativo do sim. Frente a esses comportamentos e outros, não à toa que a alteridade como negatividade ficou reduzida a discursos de ódio e anulação do outro, de um lado; e à alteridade da diferença, de outro. Nos dois casos, o outro possível é cada vez mais o outro enfraquecido, convergente, morigerado, postigo, até mesmo falso ou *fake*.

De acordo com essa forma peculiar de alteridade, as possibilidades de refletirmos sobre nós mesmos ficam muito reduzidas, pois o outro em voga, que tem seu excedente de visão obscurecido, é geralmente aquele que nos devolve um olhar pobre e redutor porque ele próprio é também pobre e reduzido, com poucos compromissos éticos e existenciais. Para o imperativo do sim, o que interessa são os fluxos contínuos, os quais não admitem qualquer limite colocado ao sujeito. E um sujeito assim, que não seja feliz e sorridente, ainda que de maneira forçada, perde sua razão de ser. O excesso de positivação enquanto sujeito feliz e sorridente é inseparável do imperativo do sim. Não importa se é um fingimento ou um subterfúgio para problemas de ordem existencial e psicológica. O que importa é que o sujeito positivado tem de se apresentar aos outros com sorrisos prenhes de sucesso e bem-estar.

2.1 O IMPERATIVO DO SIM NO FACEBOOK

Talvez o melhor exemplo cotidiano do imperativo do sim seja mesmo a forma de “amizade” dominante na plataforma digital Facebook. Nela, podemos ter diversos “amigos”, contatos, acesso a informações, podemos também publicar o que pensamos. A um primeiro momento, parece que no Facebook não falta o outro. Até é verdade, mas o entendimento de outro, nessa plataforma digital, tem sua própria lógica e dinâmica. Os “amigos” adicionados não são o outro da negatividade; se muito, são o igual e/ou próximo, o complementar, o concordante, o diplomático, o fingido. A prova disso acontece quando confrontamos nossos “amigos” no Facebook com postagens, comentários, omissões. Por não suportar o fato de ser contrariado, geralmente o “amigo” confrontado adota duas outras posturas distintas, as quais pertencem ao imperativo do sim também: primeira, agressividade e ódio para com o divergente;

segunda, excluir/bloquear o divergente. Nesses dois casos, que são comuns a qualquer usuário de plataformas digitais, inclusive do Whatsapp, fica evidente que o entendimento de outro é na verdade aquele que converge demasiadamente com o eu; se muito, o outro é também aquele que não cria problemas, que deve aceitar tudo o que seu “amigo” publica e comenta nas plataformas digitais – não gosto de pessoas que ficam causando!, diz o usuário feliz, das plataformas digitais.

Para fins de ilustração, imaginemos agora um usuário jovem, com aproximadamente cinquenta anos, e que tenha quinhentos amigos adicionados, que é uma média razoável de amigos no Facebook. Continuemos imaginando que esse usuário jovem vê diariamente seus familiares, parentes, amigos etc., postando fotos de viagens, de idas a restaurantes e bares, de momentos marcantes, tais como noivado, casamento, gravidez, formatura, nascimentos. É de se esperar que esse usuário vá até essas publicações e dê um “curtir” ou escreva um comentário elogioso qualquer, até porque seria muita ignorância direcionar comentários críticos ou questionadores sobre essas postagens *celebrativas*. Se não gosta ou não concorda com esse clima *celebrativo* e positivo, nosso usuário imaginário deve permanecer quieto, diz o imperativo do sim a ele.

Mas o problema não está apenas nessa diplomacia que o nosso usuário imaginário tem de fazer nas plataformas digitais. O problema maior é quando esse tipo de comportamento diplomático ou do silêncio, que acontece tanto fora das plataformas digitais (universidades, escolas, ambiente de trabalho, clubes) como dentro delas, vai reforçando cada vez mais que “amigo” é aquele que não *enche o saco*, que não incomoda ninguém, que não “causa”, que não chama atenção quando se posta discurso de ódio, enfim, “amigo”, nas plataformas digitais, é aquele que fica no seu quadrado. Caso o imperativo do sim perca o sentido para o usuário imaginário, mesmo assim ele deve permanecer no seu quadrado, por meio do silêncio. Se assim não for possível, os amigos do usuário imaginário não terão outra escolha, a não ser excluí-lo.

É legítimo o usuário de o Facebook conceber essa plataforma digital pela ótica do imperativo do sim, isto é, como um espaço festivo, de sorrisos, de diplomacia, de extensão do trabalho, de mera informação, de extensão da ludicidade da vida. Não é aí que reside o grande problema. O grande problema acontece por outros motivos, os quais se resumem aqui em duas questões complicadas: primeira, para quem conhece seus amigos do Facebook pessoalmente não há como estabelecer uma fronteira entre a vida social no Facebook e a vida social fora do Facebook, ou seja, não há como adotar o imperativo do sim apenas no mundo virtual – o “face a face” cobra aquilo que os dedos ágeis fazem sem pensar. Segunda, a imagem de si construída

e passada por meio das plataformas digitais não é apenas um reforço ou acessório da imagem que esse usuário tem fora das plataformas digitais. Na prática, é como o usuário se apresenta nas plataformas digitais que vai pautar, em grande medida, quem ele é – fora das plataformas digitais – para outras pessoas que já o conhecem ou venham a adicioná-lo.

Assim, quando nos apresentamos no Facebook de modo teatral, fingido e performático, nós recebemos o olhar devolutivo do outro com base em tudo isso que nós passamos aos outros. Como a formação da subjetividade, da identidade e do caráter passa também pelo olhar devolutivo do outro, o que acontece é que aos poucos o usuário teatralizado do Facebook acaba virando (muitas vezes sem perceber), de fato, a soma disforme de suas teatralizações e performances. Muito provavelmente esse usuário vai lançar olhares devolutivos pobres a seus “amigos” porque ele próprio recebe olhares devolutivos pobres de seus amigos. Não é porque o imperativo do sim se insurge contra o outro em sua forma de negatividade que ele, imperativo do sim, deixa de admitir que seja o outro quem constitui o eu. O problema é que o outro necessário para a constituição do eu, segundo a alteridade admitida pelo imperativo do sim, é a extensão do próprio eu, ou melhor, a projeção do eu imposta ao outro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma abordagem cultural e comportamental, apresentamos aqui uma breve crítica à sociedade contemporânea. A esfera do consumismo como meio-mediação possível para o indivíduo contemporâneo afirmar e celebrar sua diferença – diferença esta com base na mercadoria, a qual imprime uma etiqueta de *autenticidade* e valor ao indivíduo – também nos é uma preocupação necessária para entendermos os caminhos tortuosos da alteridade na atualidade, porém, não a trouxemos para a discussão, já que existem várias reflexões de qualidade sobre ela.

Em relação às reflexões de Han mobilizadas para este artigo, vimos que elas viabilizam outra forma de problematizarmos a sociedade atual. Contudo, talvez algumas reflexões de Han tenham muito mais força em partes do Capitalismo central, que é de onde ele fala: Alemanha. Aqui no Brasil, por exemplo, ainda é muito mais presente uma “sociedade disciplinar” do que uma sociedade do desempenho. A ideia de que somos o patrão e o empregado de nós mesmos, para que tenhamos mais desempenho dentro e fora do trabalho, conciliando assim liberdade e coerção, também tem que ser um pouco relativizada aqui no Brasil, já que muitas raízes escravistas ainda pesam sobre nossa sociedade. Já em outros pontos abordados por Han, tais

como a “positivação da sociedade”, o enfraquecimento de Eros¹⁰ como sendo o outro, o imperativo do verbo modal *poder* (o *Yes, we can* também) e a “ética da transparência”, aí sim podemos dizer, com menos ressalvas, que suas reflexões têm aspectos mais comuns à nossa sociedade e também a grande parte do Ocidente.

A noção de “vida ativa” sobre a qual falamos neste artigo, a partir das contribuições de Han, também tem suas especificidades aqui no Brasil, já que a nossa sociedade extremamente desigual e hierarquizada possibilita a existência de “vidas ativas” diversas. Em outras palavras, o imperativo da vida ativa tem por objetivo maior a maximização da exploração do trabalho, no entanto, é fato que o padrão de desempenho do sujeito de *performance* muda de acordo com a classe social a que se pertence. Não necessariamente as exigências da vida ativa virão acompanhadas de práticas de esportes, de uma vida saudável e de um exercício intelectual intenso, como geralmente o é para as classes média e alta. Em alguns casos localizados em classes mais baixas, a ideologia da vida ativa atual materializa-se com *multitarefismos* extenuantes e monótonos, com práticas de esportes sem cuidados médicos básicos, com alimentação duvidosa. O fazer-se da vida ativa é bastante dinâmico e complexo, no entanto, ele tem sua própria lógica. Mesmo havendo especificidades de classe social e poderes aquisitivos diversos (simbólico, cultural, financeiro e social), é fato que o cárcere da vida ativa se mantém forte, seja por possuir tamanha elasticidade, seja por integrar-se à sociedade do trabalho.

Por fim, nossa reflexão em torno da sociedade contemporânea no geral e da alteridade, em específico, expressada no imperativo do sim e seus correlatos, tem por base uma questão primeira: a importância da negatividade não só para o pensamento reflexivo, como também para a própria fragilização do individualismo contemporâneo e da sociedade neoliberal. Ainda que estejamos provisoriamente abordando a sociedade contemporânea e a questão do outro na atualidade, sobretudo nas plataformas digitais, temos como inspiração crítica ao menos a fragilização do individualismo contemporâneo, que é sustentado pela sociedade do desempenho e sua vida ativa, pela ética da transparência e pelo imperativo do sim. Uma crítica cultural da atualidade que problematize tanto aspectos cotidianos e banais como aspectos de ordem mais econômica ajuda a viabilizar tomadas de posição contra hegemônicas.

¹⁰Segundo Han, trocamos o mistério e o segredo, característicos do desejo erótico, advindo de Eros, pela pornografia, que é consumida imediatamente como fetiche ou tara, sem o jogo de sedução da erótica. O culto ao pornográfico e ao orgasmo mecânico dispensa a imaginação erótica. Enfim, a postura pornográfica reinante é um desdobramento da sociedade da transparência, que quer tudo às vistas, ao toque das mãos, ao “googlar” do usuário de *internet*.

REFERÊNCIAS

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017c.

Artigo recebido em: 04/02/2019

Aprovação final: 28/09/2020

DOI 10.35501/dissol.vi11.545